

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Infiltrados na Klan:

história, memória e segregação racial nos Estados Unidos¹

Victoria Cunha da Rosa Oliveira

Orientador: Marcus Vinícius de Freitas Rosa

RESUMO: Este artigo analisa a representação da memória da segregação racial nos Estados Unidos no filme "Infiltrados na Klan" (2018) de Spike Lee. Examina-se a relação entre cinema e história como fonte de pesquisa e como o cinema contribui para a produção de memórias coletivas em disputa. O objetivo central é compreender como o passado traumático da população negra nos EUA é retratado no filme e como isso se relaciona com o presente, resultando em debates contemporâneos. O artigo também busca preencher uma lacuna na historiografia brasileira sobre o tema da segregação racial nos EUA, revisitando um assunto já bastante abordado pela historiografia de ambos os países: o racismo. A pesquisa utiliza conceitos sociológicos para discutir temáticas raciais e aborda a relação entre cinema, história e memória.

Palavras-chave: Segregação Racial; Estados Unidos; Racismo; Cinema-História; Memória;

ABSTRACT: This article analyzes the representation of the memory of racial segregation in the United States in the film "BlacKkKlansman" (2018) by Spike Lee. It examines the relationship between cinema and history as a source of research and how cinema contributes to the production of memories disputed collectives. The central objective is to understand how the traumatic past of the black population in the USA is portrayed in the film and how it relates to the present, resulting in contemporary debates. The article also seeks to fill a gap in Brazilian historiography on the subject of racial segregation in the USA, revisiting a subject already extensively addressed by the historiography of both countries: racism. The research

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de graduação no formato de artigo de periódico apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História. Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Marcus Vinícius de Freitas Rosa.

uses sociological concepts to discuss racial themes and addresses the relationship between cinema, history and memory.

Key-words: Racial segregation; U.S; Racism; Cinema-History; Memory;

Introdução

O presente artigo tem por objetivo analisar as possíveis representações da memória da segregação racial nos Estados Unidos da América através do filme *Infiltrados na Klan* (2018) de Spike Lee, tomando a relação cinema-história como fonte de pesquisa e principalmente como o cinema interfere na produção de memórias coletivas², as quais estão constantemente em disputa. O propósito desta análise com foco no cinema contemporâneo é identificar representações acerca do passado traumático da população negra dos Estados Unidos; analisar as relações estabelecidas com esse passado durante o período conturbado no qual vivemos e avaliar os possíveis debates suscitados através dessas representações cinematográficas.

A ampliação da produção historiográfica sobre a segregação racial, a necessidade de refletir o impacto que a produção cinematográfica sobre esse tema exerce na sociedade norte americana e na produção do conhecimento histórico se faz necessária à medida que é evidente a recorrência desse tema em produções cinematográficas³. E com o aumento de pesquisas históricas e reflexões teórico-metodológicas⁴ que versam sobre o cinema como fonte de pesquisa, se faz necessário que existam trabalhos que explorem a produção cinematográfica recente. A análise das imagens em movimento possibilita interpretar as relações políticas e as representações sociais⁵, pois nelas estão expressas variadas perspectivas culturais e diversas memórias. O presente estudo visa responder o seguinte problema: de que maneira é abordada a memória da segregação racial nos Estados Unidos no filme *Infiltrados na Klan* e sobretudo quais reações o filme evoca no presente ao suscitar desse tema? E é a partir dessa questão que busco refletir sobre as relações raciais nos EUA, concomitantemente ao que mobiliza a evocação dessas memórias no cenário mundial⁶, valendo-me da relação entre cinema e história para compreender esse panorama de ideias.

² Irei desenvolver de forma mais aprofundada, mas o conceito de memória coletiva diz respeito à produção de memórias construídas social e historicamente, como proposto pelo Maurice Halbwachs, 1950.

³ Judas e o Messias Negro (2021), Green Book (2018), Selma: uma luta pela igualdade (2014), O Mordomo da Casa Branca (2013), Histórias Cruzadas (2011), O grande Desafio (2007), Homens de Honra (2000), Cobais (1997), Mississippi em Chamas (1988), O Sol é para todos (1962).

⁴ Trabalhos que utilizam do cinema como fonte de pesquisa

⁵ Não irei abordar efetivamente o conceito, porém trata-se da análise desenvolvida a partir do trabalho de Jodelet (1989) referente às produções das representações sociais no seio de determinadas sociedades e culturas.

⁶ Crescimento do movimento *Black Lives Matter*, em contrapartida ao aumento da violência causada por ideologias de grupos supremacistas.

O longa-metragem tem como plano de fundo o contexto posterior ao período do regime Jim Crow⁷, mais precisamente 13 anos após o conjunto de leis que distinguiu e oprimiu, após a abolição da escravidão, a população negra dos Estados Unidos. Além disso, o filme representa muito bem o momento de fervorosas manifestações em prol do Movimento Black Power⁸, panorama semelhante ao que vem ocorrendo nos dias atuais, aos quais muitos estudiosos têm atribuído o nome de “novo Jim Crow”⁹. *Infiltrados na Klan* ficou muito conhecido na opinião pública no ano de 2019 através, sobretudo, da premiação do Oscar. O filme foi indicado para cinco categorias, inclusive era cotado para Melhor Filme, todavia, ganhou apenas a de Melhor Roteiro Adaptado, sendo o vencedor da categoria principal Green Book (2018), o que suscitou um debate com relação aos temas. Apesar de não ter levado a principal premiação do Oscar, ganhou no Festival de Cannes o Grand Prix (2018), prêmio que recompensa o filme que manifesta maior originalidade ou espírito de pesquisa e o prêmio BAFTA de cinema de melhor roteiro adaptado (2019).

O enredo da película em análise se desenvolve em torno do novato policial Ron Stallworth, o qual é um personagem verídico, inspirado no livro autobiográfico *Black Klansman: Race, Hate, and the Undercover Investigation of a Lifetime* (2014), de Ron Stallworth. É ambientado na década de 1970, mais precisamente no ano de 1978 no estado do Colorado, Estados Unidos. Ron é o único policial negro no Departamento de Polícia de Colorado Springs, inicia sua carreira como cadete, passando para o Departamento de Registro, onde atua a equipe de narcóticos, a qual era o objetivo de trabalho do protagonista. Sua primeira missão infiltrado é dada devido ao fato de Ron ser o único policial negro no condado. Stallworth é designado para monitorar uma reunião dos Panteras Negras, partido do movimento negro, na qual contaria com a presença de Stokely Carmichael¹⁰, um militante dos Panteras Negras, que era considerado radical pelas autoridades. O departamento de polícia estava preocupado que o ativista incitasse entre seus seguidores algum ato de violência contra os brancos. Ao mesmo passo, Ron descobre a existência de uma cédula da organização supremacista branca Ku Klux Klan¹¹, nos classificados dos jornais, e convence o seu supervisor da necessidade de infiltrar um policial neste grupo para investigá-lo. Uma vez que

⁷ Conjunto de leis que discriminam a população negra dos Estados Unidos.

⁸ Movimento que lutou pela igualdade racial nos Estados Unidos.

⁹ Contradições entre atos claramente racistas e um maior silêncio da sociedade quanto à injustiça racial têm desafiado acadêmicos a compreenderem o que parece ser um novo regime de opressão racial. Ver mais em: ALEXANDER, Michelle. *A Nova Segregação - racismo e encarceramento em massa, 2010*”.

¹⁰ Kwame Ture foi um proeminente organizador do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos e do movimento pan-africano global, além de co-autor do famoso livro *Black Power: The Politics of Liberation, 1967*.

¹¹ Movimento supremacista branco que surgiu após o fim da guerra de secessão.

essa milícia tem um longo passado de mortes e atos de violência contra pessoas negras. O protagonista se comunica com a organização através de telefonemas e cartas, quando necessária a presença física, envia um policial branco no seu lugar. Após meses de investigação, Ron se tornou líder daquela célula da seita e fica sendo responsável por sabotar uma série de crimes de ódio orquestrada pela KKK. A partir desses dois movimentos, completamente opostos, Ron passa a tomar maior conhecimento sobre a sua identidade enquanto homem negro nos Estados Unidos na década de 1970.

Infiltrados na Klan foi produzido pelos estúdios QC Entertainment, Blumhouse Productions, Monkeypaw Productions, 40 Acres & A Mule Filmworks, com roteiro de Spike Lee, Charlie Wachtel, David Rabinowitz e Kevin Wilmott baseado no já citado livro autobiográfico *Black Klansman*, de Ron Stallworth, e distribuído pela Universal Pictures. Com o sucesso do filme *Corra! (Get Out, 2017)*, a QC Entertainment resolveu investir em outro filme de proposição semelhante, dando vida ao projeto que chegou até eles no ano de 2015 e chamando o diretor, roteirista e ator Spike Lee para dirigir a obra. A escolha de Spike Lee para a direção explica-se pelo seu histórico envolvimento com a temática¹², visto que os temas que predominam em sua filmografia constam o racismo e a situação dos negros na sociedade americana, colorismo, violência urbana, política, mídia e pobreza. Lee é um conhecido ativista pela equidade racial e social e utiliza das ferramentas de sátira e humor para abordar essas temáticas, além de valorizar a cultura afro-americana, a qual é uma marca registrada na obra do autor. *Infiltrados na Klan* encontra-se hoje em diversas plataformas de *streaming*, com o advento da internet, a produção em massa de conteúdos de entretenimento e a globalização da indústria hollywoodiana de cinema, não é difícil ter acesso a filmes que podem ser tomados como fontes de pesquisa.

Dessa forma, minha investigação é voltada principalmente para a História do Tempo Presente¹³, ou seja, uma abordagem historiográfica que se concentra em estudar os eventos e fenômenos recentes, muito difundida a partir do século XX até os dias atuais, que busca compreender o passado recente e suas instruções no presente. Essa abordagem difere das abordagens tradicionais da história, que frequentemente se concentravam em períodos mais distantes no tempo, uma vez que a História do Tempo Presente possui a proximidade temporal do historiador com o objeto de estudo como característica principal. E uma vez que me proponho a trabalhar com um cinema contemporâneo, procuro investigar no filme muito mais

¹² *Faça a Coisa Certa (1989)*, *Ela Quer Tudo (1986)*, *Destacamento Blood (2020)*, *Malcom X (1992)* *American Skin (2019)*.

¹³ HTP - campo de conhecimento dentro da história que abarca o que para o historiador é a história que ainda está em curso, ou que chamados de passado-presente. Mais sobre isso ler Henry Rousso.

do que ele fala sobre o agora, através das evocações do passado, ou seja, averiguar o que suscita o retomar frequente dessas memórias nas produções cinematográficas na realidade atual, pois eles refletem não apenas os temas e histórias que contam, mas também os valores, preocupações e questões sociais da época em que foram produzidos. Ao analisar filmes como fontes históricas, os historiadores podem entender melhor os sentimentos, ideias e perspectivas da sociedade do período em que a obra foi produzida.

As representações no cinema do período da segregação racial nos Estados Unidos da América são vastas, e é um passado que tem sido revisitado com cada vez mais frequência. Por outro lado, a bibliografia pertinente a este tema em língua portuguesa é extremamente escassa, o que acarreta uma necessidade de aprofundamento da temática, visto que as aproximações entre o racismo dos norte americanos e dos brasileiro são inúmeras, e bastante estudadas em todas as áreas das ciências humanas. No que tange aos estudos históricos, são pouquíssimas as obras que abordam como tema o cotidiano da segregação racial. Não é por acaso que, em levantamento realizado em diversos repositórios acadêmicos,¹⁴ encontrei pouca gama de trabalhos referentes à segregação racial dos Estados Unidos.¹⁵

Entre os poucos trabalhos sobre o tema, produzidos por outros historiadores, encontrei ao total 7.¹⁶ No entanto, no que se refere aos estudos acerca de racismo ou período escravocrata nos Estados Unidos, por exemplo, em cada termo foram encontrados 10 e 15 artigos respectivamente apenas no repositório da plataforma SciELO. Ao que parece, também na produção historiográfica sobre os Estados Unidos, os negros foram mais abordados como objetos da escravização e do racismo do que como sujeitos livres do cativo ou em busca de emancipação.

Apenas dois deles me ajudaram a pensar a segregação racial numa relação direta com os movimentos supremacistas brancos, no qual ambos trabalham a questão da “dupla consciência”, conceito do autor Du Bois (1903), colocada aos afro-americanos, ou seja, cidadãos pertencentes a uma pátria que orgulha-se dos princípios liberais fundadores do país e

¹⁴ A pesquisa foi realizada nos repositórios de dissertações e teses da UFRGS, da PUCRS, no Google Acadêmico e na plataforma SciELO.

¹⁵ Os termos utilizados para busca foram “segregação racial nos EUA”; “regime Jim Crow”; “Jim Crow”, “memórias da segregação racial nos EUA” e “segregação racial e cinema”.

¹⁶ Racismo nas animações estadunidenses e as leis de segregação racial (1932-1941) (HUSSEIN, 2022), Raça, Memória e Educação na formação nacional dos Estados Unidos (DÁVILA, 2021), O Supremacismo Branco Sob a Ótica do Cinema: Uma análise comparada dos filmes Imperium e Infiltrado na Klan (SILVA, 2021), O Racismo nas Páginas de X-Men: críticas à segregação racial e à intolerância (MARTINS, 2021), National Review, o moderno conservadorismo americano e a luta para “salvar” os EUA do comunismo, do liberalismo e da integração racial (1955-1959) (SOUZA, 2021), “Mr. Perpetual Motion” enfrenta o Jim Crow: André Rebouças e sua passagem pelos Estados Unidos no pós-abolição (BRITO, 2019) e O Crime da miscigenação: a mistura de raças no Brasil e ameaça a pureza racial nos Estados Unidos pós-abolição (BRITO, 2016).

a consciência de desprezo por parte da população branca. Questão essa que é possível relacionar na película de Spike Lee, ao passo que o protagonista principal - um policial negro - vive a dualidade de ser “negros demais” para os policiais e “policial demais” para os negros. Para compreender a dinâmica da batalha pelos direitos civis da população negra, o trabalho de Jerry Dávila (2021) traz uma narrativa a respeito auxiliando na construção da temática historiográfica. Enquanto que no artigo do historiador Diego Silva (2021) é feita uma análise da construção dos movimentos supremacistas brancos sob a ótica do cinema, inclusive também utilizando-se do filme *Infiltrados na Klan* como fonte de pesquisa para a elaboração do artigo.

Foi necessário buscar a temática proposta em estudos que fizessem comparações entre Brasil e EUA, incluindo buscas nos campos que interseccionam as pesquisas históricas, sociológicas e das ciência da comunicação. Este quadro me leva a crer que se trata de uma lacuna na historiografia brasileira a respeito desta temática, pois como falar de racismo nos Estados Unidos sem citar os cernes de construção e constitucionalização de medidas segregacionistas na sociedade norte americana, que impactam nas relações raciais até hoje? Todavia, em todos os trabalhos analisados, é unânime a ideia de que os Estados Unidos da América nasceu como um país escravista e racializado, ou seja, teve desde a sua origem e expansão a exploração do homem pelo homem, por meio de justificativas elaboradas por teorias racistas, fossem elas religiosas ou científicas.

Portanto, a justificativa para esta pesquisa reside justamente na ideia de contribuir, mesmo que minimamente, para a historiografia a respeito da segregação nos EUA. Pois, é inegável a necessidade pungente que temos de retratar esse assunto, já que as últimas ondas crescentes dos discursos de ódio e de neofacismo tem afetado diretamente o nosso país¹⁷. Ou seja, compreender o passado da racialização dos norte-americanos ajuda a entender o contexto atual em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil, pois os conflitos raciais vivenciados nos EUA impactam as relações raciais globais. A prova disso, são as inúmeras manifestações que tivemos em prol da vida de pessoas e dos direitos civis da população negra ao redor do globo a partir do assassinato de George Floyd em 2020. Logo, é de relevância política, uma vez que movimentos supremacistas e negacionistas, cada vez mais numerosos e eleitos para os parlamentos e governos nacionais, buscam reinterpretar ou negar eventos históricos ligados a minorias sociais, legislando sobre o passado. Principalmente quando essas minorias promovem, como no caso dos Estados Unidos, uma reformulação da história oficial e criticam

¹⁷ Ver mais em: MBEMBE, Achille. *Necropolítica*, 2019.

os ideais americanos. Como no caso do embate entre o *1619 Project*¹⁸ e o adversário produzido na era Trump (2017 - 2021) *1776 Report*¹⁹. Em suma o *1619 Project*, conduzido por Nikole Hannah-Jones e publicado em 2019 pelo *The New York Times* visa uma revisão histórica acerca da história dos Estados Unidos tendo como principal elemento a escravidão, uma vez que a partir dessa perspectiva não podemos falar de uma história dos EUA sem falar escravidão. Em contraponto o *1776 Report*, foi criado no fim do mandato de Donald Trump propondo uma educação patriótica que exaltasse os valores americanos visando a “grandeza da América”. No entanto, trata-se de um projeto negacionista que visa censurar o que é debatido em sala de aula. Produzir trabalhos históricos com perspectiva antirracista auxilia no combate às narrativas conservadoras, fornecendo uma base factual para o entendimento dos eventos passados e ajuda a contextualizar as desigualdades e injustiças presentes na sociedade atual. Entender a história da segregação racial nos Estados Unidos é essencial para evitar a repetição de erros do passado, pois a preservação da memória histórica é fundamental para educar as gerações presentes e futuras sobre os desafios enfrentados pelas minorias raciais e os esforços para superar esses desafios. Em suma, a produção de trabalhos históricos sobre a segregação racial nos Estados Unidos não apenas preserva a verdade histórica, mas também desempenha um papel fundamental na luta contra o negacionismo e o revisionismo histórico. Além disso, reside neste artigo uma justificativa pessoal. Desde que descobri durante a graduação a relação cinema-história como uma fonte para produção de pesquisas me dediquei a conhecer um pouco mais dessa área, então um projeto de conclusão de curso não poderia fugir desse tema. Durante os estudos me deparei diversas vezes com Spike Lee e suas obras que sempre me remeteram à realidade e às possibilidades de traçar paralelos com o que estudava nas disciplinas do curso. Spike Lee sempre me fez refletir em suas histórias já que ele costuma se apropriar de um fato e nos mostrar como chegamos até lá, ou seja, fala da realidade sempre nos apontando como o passado está ligado com o que acontece no presente. E por fim, acredito que utilizar do meu privilégio enquanto uma mulher branca e acadêmica para tratar sobre temas relevantes para a população negra é necessário, pois a segregação racial é uma parte significativa da história e das estruturas sociais em muitos países. Acadêmicos brancos têm a responsabilidade de entender e abordar essa história, reconhecendo a contribuição de seu grupo racial para a criação e a manutenção dessas

¹⁸ Ver mais em: AVILA, Arthur de Lima. *O 1619 Project: um passado prático para os Estados Unidos contemporâneos*, 2021.

¹⁹ Ver mais em: AVILA, Arthur Lima de. *Guerras de história nos Estados Unidos da Era Trump*, 2022.

estruturas. Além de ser uma premissa para todo branco que se diz antirracista, utilizar de suas posições de privilégio para educar outros brancos sobre a natureza e os efeitos da segregação, bem como para promover a compreensão entre diferentes grupos. Uma vez que engajar-se com esses tópicos também pode ser uma jornada de autoconhecimento para nós brancos, levando-nos a refletir sobre nossas próprias atitudes, preconceitos e privilégios, e a trabalhar para dismantelar essas barreiras. Estudar e falar sobre esses temas possibilita a construção de alianças eficazes na luta contra o racismo, pois o combate ao racismo é uma responsabilidade compartilhada por todos.

Com o objetivo de realizar uma pesquisa sobre as representações atuais das memórias da segregação racial nos Estados Unidos da América, foi necessário buscar auxílio também em outras disciplinas das ciências humanas, diante da escassa bibliografia produzida pelos meus pares. Portanto, me utilizarei de autores da sociologia para debater questões raciais no país referido, dialogando com historiadores que versam sobre o tema da memória e da relação cinema-história. Possuo o intuito de identificar as memórias que o filme *Infiltrados na Klan* mobiliza, mapeando as imagens produzidas e observando as estratégias estéticas que contribuem para refletir sobre como o cinema está ligado à produção de memórias coletivas. Além disso, busco confrontar o contexto social dos Estados Unidos, no qual a obra foi criada, com o contexto que ela representa, compreendendo as possíveis reflexões que podem ser feitas com a relação que o filme invoca no presente ao suscitar essas memórias.

A Segregação Racial nos Estados Unidos: um breve panorama sobre as relações racias

Os Estados Unidos são frutos do processo de colonização anglo-saxã e protestante e como tal nasceram escravistas, tendo como principal meio de produção a exploração do homem pelo homem, adotando o racismo desde de sua origem como ferramenta de opressão para o crescimento da nação. Iniciou seu processo de expansão e exploração da “nova terra” com o genocídio dos povos originários, os quais denominaram como indígenas. Nos momentos iniciais da colonização anglo-saxã, houve coexistência entre servos europeus e escravos africanos. Posteriormente, com a ampliação do tráfico de africanos para as Américas, a escravidão negra foi o principal meio de expropriação para a riqueza do país, sobretudo no Sul. Assim, o império norte-americano foi, em larga medida, construído por grupos sociais classificados como não-brancos, explorados pela elite branca sob o slogan da “terra da liberdade”:

Uma das meta-narrativas mais poderosas nos Estados Unidos é a noção de que a trajetória nacional se constitui em uma marcha contínua para a expansão dos direitos e o aumento da liberdade. A noção do progresso histórico tem convivido com a romantização do passado escravocrata e de figuras, cujos perfis se encontram vinculados à preservação da escravidão, ao supremacismo branco e à segregação fundada em lei e imposta por violência. (DÁVILA, 2021. p.5)

A Guerra civil norte-americana ou Guerra de Secessão (1861 - 1865) foi um importante marco divisório na história da escravidão, que repercute na discussão racial do país até hoje. A pesquisa não visa um aprofundamento histórico sobre esse período, muito menos pretende centrar a reflexão no debate acerca das temáticas raciais dos Estados Unidos durante o período escravocrata. Porém, para melhor compreender as discussões que seguem sobre a segregação racial naquele país, acredito ser necessário um breve panorama sobre o contexto relacionado às chamadas Leis Jim Crow. Uma vez, também, que o filme escolhido para análise propõe uma retomada desse passado (nem) tão distante, ou melhor, escolhe essa narrativa para iniciar o longa, tendo nas primeiras cenas um trecho do filme “*E o Vento Levou*” (1939)²⁰ que remonta a esse período.

Infiltrados na Klan inicia apresentando ao espectador um fragmento da película “*E o vento levou*” (1939). Dirigido por Victor Fleming, George Cukor e Sam Wood, o longa de gênero dramático romântico tem como plano de fundo o período de pré-guerra de secessão, durante a guerra e a era da reconstrução. O filme tem como protagonistas o par romântico Scarlett O’Hara e Rhett Butler. O fragmento de cena que aparece no filme analisado, trata-se de uma panorâmica de ambientação do que seria um espaço de cuidados dos soldados feridos da guerra, mais especificamente de uma ambientação do lado derrotado. Scarlett, a protagonista principal, passa em meio a homens feridos aos gritos em busca do Dr. Mead e “Deus salve a confederação”, para socorrer a sua irmã que está em trabalho de parto. Enquanto a câmera se afasta da protagonista dando dimensão a grande quantidade de pessoas machucadas, também se preocupa em enquadrar a bandeira em farrapos dos Estados Confederados. A partir da escolha de iniciar o filme com esse fragmento em específico e logo em seguida com a cena do discurso do caso Brown, que falaremos adiante, podemos compreender dois pontos: primeiro que a guerra de secessão ainda é um ponto sensível na história dos Estados Unidos e que o discurso do Sul como uma terra pacífica e que sofre os

²⁰ Dirigido por Victor Fleming, George Cukor e Sam Wood, o longa de gênero dramático romântico segue a jornada de vida de Katie Scarlett O’Hara, a filha de um proprietário de terras e produtor de algodão na Geórgia, um estado sulista dos Estados Unidos, nos momentos anteriores e durante a Guerra Civil Americana. A trama ilustra as plantações como cenários pacíficos e prósperos, enquanto retrata o Sul como uma região marcada por galanteria, delicadeza e civilidade. No entanto, essa imagem é desafiada quando o conflito irrompe em 1861, desmantelando a situação anterior.

abusos da guerra se faz necessário para compreender a narrativa que o filme quer indagar. Portanto, falaremos um pouco sobre esse período.

Figura 1 - Cena de Infiltrados na Klan (2018).



Fonte: Captura de tela do autor.

De maneira muito sucinta, durante os quatro anos da Guerra de Secessão, houve uma intensa disputa pelo fim ou manutenção da escravidão, entre a União e os chamados Estados Confederados da América²¹, os quais decretaram separação do resto dos Estados Unidos, a partir da vitória eleitoral do abolicionista republicano, Abraham Lincoln (1861-1865). Uma vez que o Partido Republicano e o Partido Democrata disputavam qual modelo de país deveria ser seguido a partir da ampliação do território, por meio da chamada Marcha para Oeste²², havia, de um lado, um modelo industrial com trabalho livre, assalariado e protecionista defendido pelos republicanos, ao passo que um modelo agrário, latifundiário, escravocrata e livre cambista era representado pelos democratas. Com objetivo de dar fim à guerra, no ano de 1863 o presidente dos EUA assina a 13ª emenda constitucional pondo fim à escravidão em todo território do país, com as revoltas e deserção em massa da população então liberta. Poucos meses depois, os confederados acabam por se render à União, dando fim à escravidão no país. A partir dessa derrota, iniciou-se o período conhecido como Reconstrução (1865 - 1877), no qual se seguiram diversas tentativas de reintegração e recuperação da economia sulista, mas principalmente foram feitas várias tentativas para corrigir as desigualdades da escravidão e o seu legado. No entanto, por óbvio, tais medidas e a

²¹ Texas, Arkansas, Louisiana, Tennessee, Mississippi, Alabama, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Geórgia e Flórida.

²² Expansão territorial das 13 colônias dos Estados Unidos para o Oeste.

própria abolição não foram bem recebidos por uma parte da população, sendo criada por volta dessa época a organização que até hoje conhecemos como Ku Klux Klan, vulgo KKK, entre outras organizações reacionárias, supremacistas brancas que defendiam a segregação racial, o nacionalismo branco, o antiabolicionismo e a anti-imigração. Anos mais tarde, também se intitulavam como anti-católicos, anti-judeus e anti-homossexuais, tendo a sua atuação baseada em discursos de ódio e atos de terrorismo para perseguir os grupos a que se opõem.

Logo após o fim da guerra civil, memórias diferentes de grupos distintos disputaram a hegemonia de pensamento do pós-guerra. Tínhamos aqueles que queriam conciliar o país e acabar com as tensões entre unionistas e confederados; os supremacistas brancos que tinham como discurso o sofrimento do sul e que supostamente apenas queriam manter as suas tradições, ou seja, a escravidão; e aqueles que queriam focar na liberdade, cidadania e exercício pleno dos direitos por parte da população negra recém libertada. Seguindo a partir da perspectiva do último grupo, no ano de 1866 o congresso aprovou as leis referentes ao que ficou conhecido como “Escritório dos libertos” ou *Freedmen's Bureau*, que serviu para prolongar a existência da organização, criada no ano de 1865 para supervisionar a transição da escravidão para a liberdade. Além disso, também foi aprovada a Lei dos direitos civis ou 14ª Emenda, a qual definia que todas as pessoas nascidas nos EUA eram cidadãos nacionais, ou seja, todos teriam direitos iguais perante a lei. A 14ª Emenda foi muito importante na conquista dos direitos civis da população negra, pois ela não só garantia a cidadania plena a todo aquele que nasceu ou nasceria no país, mas também proibia os estados de diferenciarem as pessoas diante da proteção da lei. Tradicionalmente, esses direitos dos cidadãos eram garantidos e protegidos pelos estados, porém com a aprovação da 14ª emenda o governo federal garantiria a igualdade de todos os americanos perante a lei contra a violação do estado.

No entanto, mesmo após a abolição da escravidão, a instituição da 14ª emenda, a vitória do Norte sobre o Sul e o avanço dos direitos civis para a população negra como a 15ª emenda, que garantia que nenhum governo poderia proibir um cidadão de votar por motivo de raça, cor ou condição prévia à escravidão, o sul voltou a ter maior controle sobre as leis estaduais e, com elas, temos o surgimento do que ficou conhecido como Regime Jim Crow. Tal regime diz respeito a um conjunto de leis que institucionalizaram a segregação racial nos Estados Unidos a partir da ratificação da 13ª emenda. O nome Jim Crow, segundo Hussein (2022) adveio de uma caricatura estereotipada da população negra, frequentemente utilizada na época. Essas leis estabeleciam a segregação em espaços públicos, como escolas, transportes, banheiros, restaurantes e até mesmo em áreas residenciais. Para D'ávila (2020) sob essas leis, as pessoas negras eram consideradas legalmente inferiores e tinham acesso

restrito a direitos civis, políticos e sociais, sendo forçadas a utilizar instalações e serviços separados e inferiores aos dos brancos. É importante destacar que conforme Morris e Treitler (2019) esse conjunto de leis se sustentou a partir de interpretações de que brancos eram superiores em termos de inteligência, moralidade e capacidade civilizatória, enquanto pessoas não-brancas, eram consideradas inferiores e destinadas a ocupar uma posição subordinada na sociedade.

Aqui, vale destacar dois pontos importantes para o debate que segue. Primeiramente, diferente de como conhecemos o racismo no Brasil, nos Estados Unidos temos o “racismo de origem” ao invés do “racismo de marca”. Para Oracy Nogueira (2006), “preconceito de marca” é uma reformulação para “preconceito de cor”, ou seja, preconceito racial é caracterizado como uma predisposição culturalmente influenciada que gera uma atitude desfavorável a um determinado grupo integrante de uma população. Isso pode ser devido à sua aparência ou à sua ascendência étnica, seja por características físicas ou pela mera associação a um grupo étnico específico. Quando o preconceito racial se baseia na aparência, envolvendo características físicas, gestos ou sotaque de um indivíduo, é referido como "de marca". Por outro lado, quando a suposição de pertencimento a um grupo étnico é suficiente para acarretar as consequências do preconceito, é denominado como "de origem". Almeida (2020) contribui para o entendimento de racismo de origem, ressaltando que os processos de formação nacional nos Estados contemporâneos foram moldados por projetos políticos, sendo as classificações raciais cruciais para determinar hierarquias sociais, legitimidade no poder e estratégias econômicas. Isso é evidenciado pela coexistência de diferentes formas de classificação racial, como no Brasil, onde a aparência, a miscigenação e a posição de classe interferem na racialidade, permitindo classificações contraditórias e pertencimentos raciais ambíguos. Por outro lado, nos Estados Unidos, a *one drop rule* ou "regra de uma gota de sangue" resultou em uma identificação mais rígida de pessoas negras. A *one drop rule* é uma prática histórica de classificação racial que surgiu nos Estados Unidos durante o período da segregação racial. Essa regra estipulava que qualquer pessoa com pelo menos uma gota de ascendência africana seria considerada negra, independentemente de sua aparência física ou de qualquer outra característica. Ao relacionar o conceito de preconceito de origem com a "one drop rule", podemos observar que ambas as ideias têm em comum a ênfase na ascendência étnica como um critério central para a categorização racial. Essa relação demonstra como a atribuição de origem étnica, mesmo que sutil ou com base em uma única característica, pode ter um impacto significativo na maneira como as pessoas são tratadas e percebidas dentro de uma sociedade, reforçando a importância das questões de origem na

formação e perpetuação do preconceito racial. O segundo ponto que se faz necessário explicar é que, quando pensamos raça nos EUA, nos referimos principalmente a 4 grupos raciais: brancos, asiáticos, latinos ou hispânicos e negros e aqui consideramos como brancos a sigla WASP - White, Anglo-Saxon and Protestant (branco, anglo-saxônico e protestante). A sigla tem sido usada historicamente para descrever um grupo étnico e cultural específico nos Estados Unidos, composto principalmente por descendentes de colonizadores britânicos que seguiam a fé protestante. A relação da sigla "WASP" com os conceitos de preconceito de origem e segregação racial está relacionada à forma como esse grupo foi historicamente privilegiado em relação a outros grupos étnicos e raciais, servindo como padrão para o que era considerado a “cultura americana”.

Em *Infiltrados na Klan*, durante a segunda cena após o fragmento de *E o Vento Levou* (1939), Lee nos apresenta a gravação de uma propaganda política do Dr. Kennebrew Beauregard, um personagem ficcional, interpretado por Alec Baldwin, o qual é utilizado para apresentar o discurso de ódio que era propagado à população negra dos Estados Unidos. A cena é ambientada em um escritório, tendo como pano de fundo a bandeira dos confederados e é reproduzida em preto e branco para dar a sensação que estamos assistindo a um programa de tevê da década de 1950. O discurso inicia com uma crítica à decisão de extinguir a segregação nas escolas, especificamente após a decisão do famoso caso Brown²³, o que nos dá uma dimensão temporal de que se passa no ano de 1954, uma vez que foi o ano no qual foi declarada inconstitucional a separação nas escolas. Uma máquina de cinematógrafo é ligada e atrás de Beauregard passa cenas de uma reportagem do caso, enquanto o mesmo afirma que a partir de agora crianças brancas são obrigadas a estudarem com uma raça inferior. “É o último prego no caixão que levará a América a se tornar uma nação mestiça”. Após essa frase estamos acompanhando a gravação de dentro do escritório, temos cores novamente no filme. São projetadas cenas de o “Nascimento de uma Nação”, enquanto o ator comunica que “tinhamos um ótimo estilo de vida”, fazendo uma referência clara à época da escravidão. O discurso de ódio é intercalado com alguns erros de roteiro, no qual o personagem precisa repetir mais de uma vez a fala, necessita perguntar o texto e fazer alguns exercícios vocais, isso são alguns mecanismos que o diretor utiliza para dar um tom ridículo e cômico à cena. Dr. Kennebrew finaliza o discurso despejando todo ódio pelos afro-americanos, judeus e comunistas dizendo que todos eles estão atacando os direitos civis e os sagrados valores do branco protestante e estão determinados a provocar a queda do governo exigido por Deus e

²³ Caso que pôs fim a segregação racial nas escolas, proibindo que crianças negras fosse impedidas de frequentar escolas até então exclusivas para brancos.

inspirado na bíblia da raça branca. A cena desse discurso mesmo com um tom ligeiramente cômico que quase beira o ridículo devido ao exagero tem o propósito de nos situar na narrativa vigente durante o período da segregação e como instigar o ódio à população negra era uma prática enraizada nos paradigmas da época.

Figura 2, 3 e 4 - Cena de Infiltrados na Klan (2018).



Fonte: Captura de tela do autor.

Em sua versão ideológica, o racismo, independente do país, faz parte do imaginário coletivo funcionando para manter hierarquias sociais e econômicas racializadas. Nos Estados Unidos, diferentemente do Brasil, foram instauradas leis de segregação racial, as quais, acreditava-se que não feriam o princípio de igualdade que havia sido instaurado pela Constituição após a Guerra Civil, com o slogan “separet, but equal”²⁴. Por óbvio, essas leis impactaram no acesso dos negros a todos os setores da sociedade norte-americana, marginalizando grande maioria dessa população. Em face a isso, Machado (2019) destaca que o processo de defesa de uma identidade étnico-racial negra dá-se em contraponto ao princípio liberal de igualdade que se fundamenta no país. É de grande relevância destacar o processo de racialização nos Estados Unidos da América, visto que um dos objetivos é entender a constante rememoração desse passado no presente. Para tanto, as contribuições de Morris e Treitler (2019) fornecem um mapeamento do papel da raça e do racismo nos EUA, pois, ao mesmo tempo em que as noções biológicas de raça foram desacreditadas após a Segunda Guerra Mundial, os norte-americanos mantiveram uma noção de raça vinculada à ancestralidade. Ou seja, as dissimulações que permitiram a existência da segregação desde o fim da Guerra Civil ainda perpetuam na contemporaneidade, porém em outros moldes. A particularidade dos entendimentos sobre raça vigentes nos EUA demandam conceitos específicos. Portanto, partiremos da concepção de racismo do autor Francisco Bethencourt (2013), que o define como preconceito quanto à ascendência étnica, combinados com ações discriminatórias e associados a projetos políticos institucionalizados ou não pelo Estado. Uma diferença frequentemente apontada pela bibliografia em relação ao caso brasileiro é o fato de

²⁴ Lei federal que institucionalizava e justificava a segregação racial nos Estados Unidos como não sendo uma violação a emenda que garantia e direitos civis iguais a todos os cidadãos (14ª emenda).

que, no caso dos Estados Unidos (e da África do Sul), o racismo foi institucionalizado pelo Estado a partir das medidas de segregação. Ao mesmo tempo, isto significa que quando falamos de Estados Unidos devemos pensar o racismo enquanto projeto político adotado pelos norte-americanos, não que no Brasil fuja muito dessa atmosfera, mas quando falamos de Estados Unidos falamos de medidas de segregação abertamente adotadas pelo Estado, falamos de um conjunto de leis, ou seja, um respaldo político e jurídico para além da esfera individual ou de costumes e práticas sem amparo legal. Estamos falando principalmente de racismo institucional. Para isso, Silvio de Almeida explica:

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2020, p.32)

Ou seja, o racismo é a forma “normal” como se constituem as relações políticas, econômicas e sociais não sendo nenhuma anomalia social, mas sim, ainda segundo o autor: “Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2020). No entanto, vale ressaltar que a utilização do termo “estrutura” não significa dizer que é algo imutável ou estático, uma vez que é essencial reconhecer que o racismo, como fenômeno histórico e político, estabelece o cenário para a discriminação sistemática de grupos identificados racialmente, seja de maneira direta ou indireta. Embora a responsabilidade individual por atos racistas seja necessária, uma perspectiva estrutural das relações raciais revela que a responsabilização legal não é suficiente para eliminar a contínua desigualdade racial na sociedade. Isto é, o racismo na história dos Estados Unidos se deu por meio de um projeto político gestado desde o cerne da constituição da nação e que foi fundamental para que a criação da identidade do povo estadunidense fosse baseada em preceitos racistas, o que evidentemente impacta nas relações sociais no país até hoje.

Portanto, mesmo após a extinção das leis Jim Crow, os EUA encontrando um estado de democracia plena, com a igualdade de direitos civis da população negra, a prática do racismo ainda é recorrente e o debate público sobre esse tema segue extremamente atual no país. Afinal, ainda temos ações como o próprio massacre de Charlottesville, o qual Spike Lee incorpora ao filme, a morte de cidadãos negros, como no caso George Floyd, encarceramento em massa da população negra, entre inúmeros atos racistas atuais que nos fazem questionar

esse status de país da igualdade e liberdade. Faz-se necessário entender que o racismo não está restrito apenas a uma esfera individual, tão menos apenas sistêmica, mas sim a uma estrutura que viabiliza que esses atos continuem acontecendo por uma questão política e histórica. Política pela contínua marginalização dessa população como um sistema de manutenção do status quo. Segundo Silvio de Almeida, isso se desdobra em duas perspectivas: uma dimensão institucional e uma ideológica. Institucional, pois necessita de um respaldo jurídico para que o Estado continue a manter e criar meios necessários para que o racismo continue agindo na sociedade; e ideológica, pois o Estado deve ser capaz de produzir narrativas de coesão que ultrapassem questões que impactam diretamente a população como a divisão de classe, o racismo ou sexismo. E é exatamente nesse contexto que podemos entender o nacionalismo exacerbado dos Estados Unidos e o ponto levantado pelo sociólogo Du Bois sobre a dupla consciência dos cidadãos negros americanos, que Lee traz de maneira muito sutil no longa ao nos apresentar o policial Ron e a dualidade do personagem enquanto primeiro policial negro do condado de Colorado Springs tendo que se infiltrar em uma investigação sobre os panteras negras.

Ron Stallworth é interpretado por John David Washington, um homem negro, com uma estética típica da cultura Soul dos anos 1970 nos Estados Unidos, descrito, por quem acredito ser o recrutador do RH da delegacia do condado de Colorado Springs, pois não fica clara o cargo do Mr. Turrentine ao longo da entrevista, como “young, hippie soul brother”, algo como jovem irmão hippie e soul. Cabelo black power, calça jeans com boca larga, jaqueta de couro alaranjada e colar compõem o figurino do personagem. Antes da entrevista, Ron aparece ajeitando o cabelo em frente a uma placa com os dizeres “Entre para a força policial de Colorado Springs - minorias são bem vindas”. Na cena seguinte, o protagonista é analisado por um policial branco, o Chief Briges, e pelo Sr Turrentine, um homem negro. São feitas diversas perguntas sobre a personalidade de Ron, no entanto a parte desta entrevista que nos ajuda a entender um pouco mais sobre ele é quando é indagado sobre o que faria se algum outro policial o chamasse de “nigger” (foi traduzido para crioulo), o mesmo pergunta se isso aconteceria, com uma certa incredulidade. Ao nos apresentar essa perspectiva, nos mostra que mesmo sendo um homem negro da década de 70 de um estado do sul dos Estados Unidos o personagem não está necessariamente acostumado aos embates raciais. No entanto, à medida que o enredo se desenvolve o vemos ter mais consciência sobre o que é ser um homem racializado. O protagonista se torna de fato o primeiro policial negro do condado e inicia trabalhando no arquivo da delegacia e é no arquivo que ele começa a ter os primeiros conflitos com os colegas de trabalho, os quais sempre que vão buscar algum documento que

seja referente a uma pessoa negra os chamam de “toad” o que foi traduzido para “neguinho”. Ron logo se cansa dessa situação e solicita atuar na equipe de investigações e disfarces, de imediato tem o pedido negado, mas surge a oportunidade perfeita quando está prevista uma fala de Stokely Carmichael ou Kwame Ture, ex pantera negra para a juventude negra da Universidade do Colorado. O objetivo da investigação era monitorar a reação do público às falas de Carmichael, uma vez que para as autoridades da época os panteras negras compunham a principal ameaça à segurança interna dos Estados Unidos.

No discurso, Ron conhece Patrice, uma mulher negra, com roupas de couro, óculos redondo e cabelo black power, estética típica das mulheres que compunham o movimento de mesmo nome. Patrice é líder do grêmio estudantil negro da Colorado College, ela está na organização do evento no qual o protagonista ficou incubido de se infiltrar. Nos é apresentada como uma militante altamente envolvida com a causa antirracista, sendo a personagem o primeiro elo de contato que Ron tem com o movimento Black Power. Durante as falas de Ture Kwame, Spike Lee nos mostra um pouco do que era o movimento Black is Beautiful, uma mobilização de empoderamento estético da população negra, o qual pregava uma redefinição do que era belo, ou seja, traços físicos que foram atacados e ridicularizados por parte da população branca, deveriam ser valorizados, ou como nas palavras do próprio Stokely Carmichael, deveriam “desaprender os modos como o opressor os ensinou a odiar a si mesmos”. Além da necessidade de união para o combate ao racismo e contra a morte de pessoas negras pela polícia, algo que pode ser tanto relacionado com o período de agora como também com o período da época que o filme retrata. Um paralelo interessante que Ture traz no discurso é acerca de um dos primeiros filmes do Tarzan em específico (Tarzan, o filho da Selva - 1939) e como a partir desse longa podemos observar o discurso veiculado contra as pessoas negras. Para Ture eles eram a representação dos nativos africanos, os quais o Tarzan lutava na selva aos gritos de “kill the beast” (mate a besta), ou seja, mate a eles próprios. Esse trecho nos remete tanto a como o discurso de ódio ao não-civilizado era comum no período da segregação, uma vez que Tarzan era uma produção desse período, mas como também a população negra dos Estados Unidos desse período era considerada não civilizada e como esse discurso vai se enraizando na sociedade. Vejamos que em repetidos momentos o diretor nos coloca em embates com o passado, seja de forma direta como na fala do Dr. Kennebrew Beauregard ou através de referências um pouco mais sutis como uma referência ao filme do Tarzan.



Fonte: Captura de tela do autor.

A Memória da Segregação Racial dos Estados Unidos

Todas essas questões fizeram com que me debruçasse sobre a temática racial, e me intrigasse ao acompanhar filmes recentes que insistem em retomar o passado da segregação, que é o caso do filme aqui analisado. O contexto que encontramos no filme *Infiltrados na Klan* se passa quase 10 anos após o fim do regime de leis que oprimiu a população negra dos EUA, mais precisamente no ano de 1978. Período que compreende também a consolidação do movimento Black Power, movimento posterior ao da luta pelos Direitos Civis (Civil Rights), que pôs fim ao Jim Crow no sul dos EUA, mas que difere dele principalmente na forma de atuação política. Enquanto o movimento de luta pelos Direitos Civis pregava o confronto não violento, a partir da desobediência civil, o movimento *Black Power* encontrou uma de suas formas nos Panteras Negras e ligas de combate direto ao racismo, que acreditavam em ações de confronto violento contra o Estado. Optando por intervenções diretas sobre o que vinha acontecendo cotidianamente com a população negra dos Estados Unidos. Em uma perspectiva temporal mais longa e aprofundada, o regime Jim Crow impulsionou elites brancas e manteve trabalhadores brancos como intermediários raciais, mantendo discrepâncias de renda. Isso desencorajou a solidariedade de classe entre brancos e negros (Du Bois, 1935). O sistema tripartite de dominação controlava os negros politicamente, socialmente e economicamente (Morris, 1984). Durante esse período, os negros do Sul foram privados de direitos políticos, excluindo-os de júris e eleições, deixando-os vulneráveis a ameaças constantes de terror, como o linchamento (MORRIS e TREITLER, 2019, p.22).

O sistema de subordinação racial foi imposto pelo sul dos Estados Unidos a partir do ano de 1890, tendo sido retirados vários direitos conquistados pela população negra dessa região durante o período da Reconstrução. Inclusive o direito ao voto. Negros e brancos eram proibidos de conviver em espaços públicos. A ideologia da supremacia branca ganhou muita força nesse período, inclusive entre a maioria de brancos pobres. Para PURDY (2007) aos

olhos do pobre branco, a superioridade da sua cor compensa sua miséria socioeconômica. O intelectual negro W. E. B. DuBois chamou esse fenômeno de “salário psicológico”:

“Deve ser lembrado que o grupo branco de trabalhadores, enquanto eles recebiam um salário baixo, eram compensados em parte por uma espécie de salário público e psicológico. Eles receberam deferência pública e títulos de cortesia porque eram brancos. Eles foram admitidos livremente com todas as classes de pessoas brancas para funções públicas, parques públicos e as melhores escolas. A polícia foi retirada de suas fileiras, e os tribunais, dependente de seus votos, tratou-os com tal indulgência a ponto de encorajar a ilegalidade. O voto deles selecionou funcionários públicos e, embora tenha tido pouco efeito sobre a situação econômica, teve grande efeito sobre seu tratamento pessoal e a deferência mostrada a eles. Escolas brancas eram as melhores da comunidade e visivelmente colocadas, e elas custam de duas a dez vezes mais per capita do que as escolas de cor. Os jornais especializados em notícias lisonjeavam os brancos pobres e quase ignoravam o negro, exceto no crime e no ridículo.” (DUBOIS, 1935. P. 700-701).

Cabe aqui ressaltar que mesmo que o norte dos Estados Unidos não tenha aderido ao regime Jim Crow, ou seja, constituindo leis segregacionistas, a ideologia racista dominante estava presente na população, através de uma segregação informal, uma vez que as oportunidades de trabalho se restringiam a serviços domésticos ou braçais, além de pessoas negras entrarem em combate cotidianamente por moradia, escolas e trabalho. Mesmo sem uma segregação codificada, as pessoas afro-americanas sofriam uma segregação espacial, tal qual ocorreu no Brasil, existiam bairros e escolas segregadas racialmente. Além de ataques diretos a essa população, por exemplo, o estado de Illinois, que aboliu a escravidão em 1819, estado de Abrahan Lincoln e Ulysses Grant, de 1877 a 1920 registrou 56 linchamentos (DÁVILA, 2020). Apesar disso, em comparação ao sul, o norte acabava por oferecer uma esperança por liberdade social e isso refletiu na migração de boa parte da população negra para o norte no ano de 1920.

Após Ron ser encaminhado para o serviço de inteligência da delegacia, onde começa de fato a trama da história do filme. Lendo os classificados do jornal, o novato policial se depara com um anúncio da Ku Klux Klan e resolve ligar para obter algumas informações, no entanto acaba por dar seu nome verdadeiro, a partir daí, começa a ser procurado por um dos membros, Walter, que quer marcar um encontro. Precisa então que um agente branco frequente as reuniões da Klan para poder espiar, fingindo ser ele. O enviado é Flip, que descobrimos ser judeu quando alguém menciona o colar com a estrela de Davi que usa no pescoço.

Na dinâmica de pensar a segregação enquanto memória traumática revisitada pelo diretor Spike Lee no longa-metragem *Infiltrados na Klan* (2018), utilizarei do conceito “lugar de memória” do autor Pierre Nora, compreendendo o cinema como um espaço de memória, visto que ao revisitar essas narrativas é possível fazer com que pessoas que não viveram os acontecimentos possam compreender os seus significados.

“Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa [...]: À medida que desaparece a memória tradicional, nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe qual tribunal da história” (NORA, 1993. p.15).

Embora Nora (1993) não mencione o cinema, mas sim a produção em massa de outros meios de arquivamento da nossa época, é possível fazer essa associação, visto que em sua dimensão simbólica, um acontecimento ou experiência vividos por um pequeno número de pessoas caracteriza uma maioria que dele não participou, garantindo ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão o que o autor caracteriza como dimensão funcional.

A utilização da memória como fonte de pesquisa para a história pode ser igualmente pensada para o cinema, pois tanto um como outro podem usufruir do passado. O cinema enquanto memória contemporânea, se forma a partir do tempo presente a partir de uma determinada perspectiva, e funciona como uma forma legítima de reativação e de conhecimento das experiências do passado. Visto que o filme pode ser entendido como uma estrutura plural para a construção do imaginário coletivo. Segundo Pollak:

Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização, e portanto no enquadramento da memória. Ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções. Basta pensar no impacto do filme *Holocausto*, que, apesar de todas as suas fraquezas, permitiu captar a atenção e as emoções, suscitar questões e assim forçar uma melhor compreensão desse acontecimento trágico em programas de ensino e pesquisa e, indiretamente, na memória coletiva. A obra monumental de Lanzmann, *Shoah*, sob todos os aspectos fora de comparação com o filme de grande público *Holocausto*, quer impedir o esquecimento pelo testemunho do insustentável. (POLLAK, 1989, p. 11)

Se as construções da memória se dão a partir de uma preocupação com o presente, ou seja, com o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, o cinema também opera assim, pois pode expressar a visão de mundo que um cineasta quer evidenciar, contribuindo para o estabelecimento de uma construção imagética da realidade por meio de escolhas. Além de evidenciar as disputas políticas e de poder na busca pela apropriação da memória. Portanto, devemos entender o filme como uma representação simbólica da memória e da história, passando a compreendê-lo como uma ferramenta de rememorar a partir do presente. Muitos

cineastas se concentraram nas condições políticas e sociais pretéritas de seu país, enquanto outros tentaram entender o presente, voltar no tempo e até incentivar a criação de arquivos de imagens de uma época em que pouco se sabe sobre a história, auxiliando na criação e afirmação de uma identidade coletiva, rememorando uma memória coletiva de um grupo. Segundo o historiador Peter Burke, "o próprio filme estimula os telespectadores a tornarem mais conscientes de suas histórias alternativas e, nesse processo, demonstra o poder do cinema para a desmistificar e para conscientizar" (BURKE, 2017, p.251). Auxiliando assim na construção de uma memória social coletiva e assim como comenta Halbwachs a memória social é fundamental para a construção da identidade de um grupo definindo como adesão afetiva, as experiências comuns e compartilhadas desse grupo.

Uma relação importante que podemos destacar aqui, é a respeito da pós-memória, termo cunhado pela professora de literatura Marianne Hirsch (2008), no qual a autora explica sobre como é possível que as gerações posteriores às que sofreram o trauma possam também sofrer influência dos eventos não vividos, através de relatos e sobretudo através da arte. Sendo possível que a partir dessa experiência não vivida, ainda assim, por meio da identificação é possível que encontremos um posicionamento social, uma visão de mundo, que represente esse grupo a partir da memória coletiva compartilhada. Vale destacar que existe uma diferença entre memória coletiva e pós-memória. A memória coletiva engloba um todo, pode ser tanto uma memória traumática, como uma tradição, costume, crença ou um evento não traumático. Já na concepção de pós-memória, a relação com o trauma é exclusiva, ou seja, a pós-memória só existe a partir de um trauma e para uma segunda geração que sofreu o trauma. Hirsch (1996) afirma que a pós-memória refere-se à vivência de indivíduos que crescem sob a influência de narrativas que precederam seu nascimento. Suas próprias histórias são subordinadas às histórias da geração anterior, que são moldadas por eventos traumáticos complexos, difíceis de serem plenamente compreendidos ou recriados. A pós-memória se caracteriza pela interpretação de eventos históricos pelos olhos de uma segunda geração do que aconteceu no passado, mas que tem impacto direto no presente.

Portanto, quando me refiro aqui a esses termos, pós-memória, memória coletiva e espaço de memória todos eles nos levam a pensar a memória como também um espaço de resistência. Um espaço de resistência compartilhado por minorias sociais silenciadas e marginalizadas ao longo da história. Esse é um ponto relevante à medida que enfrentamos na atualidade problemas referentes aos espaços de memória reivindicados por grupos

supremacistas brancos, como os mais de 40 memoriais dedicados a N. B. Forrest²⁵, traficante de escravos e primeiro grão-mestre da Klu Klux Klan, o próprio filme *O Nascimento de uma Nação* (*The Birth of a Nation*, 1915) e a bandeira dos confederados. Com o advento do negacionismo e uma crescente onda de organizações assumidamente racistas faz-se necessário o rememorar de um passado não tão distante e que ainda permeia a sociedade norte-americana. É nesse contexto que vemos uma luta constante por não se deixar esquecer o que aconteceu com a população negra do sul dos Estados Unidos.

Através da produção da memória e da história desse período de violência, podemos observar que a arte se torna um objeto de resistência, um espaço de memórias subterrâneas que contrapõem uma memória oficial. Torna-se um meio ficcional no qual é possível lembrar, criticar e denunciar as atrocidades cometidas no passado. Uma vez que os objetivos de se rememorar esse passado é justamente lembrar para não esquecer e não esquecer para não repetir. Ao realizar o processo de rememoração do passado partindo do ponto de vista dos que tiveram suas vozes silenciadas, a produção traz à luz as marcas da opressão que a história oficial não conta, fazendo com que o filme torne-se, então, objeto de novas análises e interpretações.

A Análise das Memórias da Segregação Racial Através do Cinema

A partir dessa perspectiva a relação cinema-história torna-se relevante à medida que compreendemos o cinema enquanto agente histórico que permite um estudo das práticas e representações culturais, considerando o filme um discurso sobre alguma coisa e sobre si mesmo, que fala de si, das condições em que foi feito e de seu autor/realizador, como bem lembra Rafael Quinsani:

Ao realizar esta reflexão, não podemos menosprezar a fonte primária, tomando o filme como inferior à escrita. O cinema se constitui numa das grandes conquistas de nossa civilização e de nossa cultura. É uma fonte de informação e penetração nas sociedades que retrata entrelaçando elementos sociais e estéticos. Cabe ao historiador perceber as suas especificidades, seu status como fonte ímpar para a produção do conhecimento histórico. Adotar a expressão Cinema-História implica pensar essas duas categorias interligadas e não isoladas entre si. “O cinema não tem um certo protagonismo na história, mas tem um protagonismo certo”. (QUINSANI, 2010. p.14).

Portanto, o objetivo aqui é refletir como o meio audiovisual pode nos fazer pensar sobre nossa relação com o passado, sendo articulado como uma nova forma de reconstrução

²⁵ Ver mais em: SEGURA, Liliana. FORREST THE BUTCHER. Memphis Wants to Remove a Statue Honoring First Grand Wizard of the KKK, 2017.

histórica capaz de alterar a concepção e o conceito de história que temos. Para análise da obra cinematográfica, o historiador Rafael Quinsani propõem uma metodologia que ele denomina de análise histórico cinematográfico, a qual nos permite ir além da crítica interna e externa ao filme. De acordo com Quinsani (2010), o cinema não é limitado em si mesmo, mas oferece acesso a diferentes realidades, tanto visíveis quanto invisíveis, incluindo lacunas históricas. A análise histórica de filmes requer uma abordagem abrangente, evitando restrições a análises estético-formais ou histórico-sociais. O historiador deve compreender como a câmera captura e modifica a realidade, impactando a perspectiva. Esse processo permite uma aproximação às fontes enquanto se mantém um distanciamento necessário para uma interpretação imparcial. A tensão entre o observador e o observado deve ser preservada para que o filme possa ser plenamente compreendido e dominado.

Para isso, Quinsani propõe como metodologia de análise: a decomposição dos elementos intrafilmicos; a decomposição dos elementos extrafilmicos; o estabelecimento de um nexos dinâmico e o entrecruzamento dos fatores intrafilmicos e extrafilmicos, tanto entre os elementos dessas categorias como entre essas; a verificação da relação do filme com o texto escrito que serviu de base para sua produção, destacando as diferenças e convergências de sua adaptação; a contra-análise proposta por Marc Ferro, destacando os componentes não-visíveis presentes nos filmes. É importante ressaltar que utilizarei de algumas análises propostas pelo autor, mesmo que o mesmo não concorde com a utilização de tal metodologia quando se trata de filmes com roteiro inspirados em livros. Visto que, para Ferro uma obra de adaptação literária demandaria metodologias pertinentes à literatura. No entanto, acredito que mesmo que o filme tenha sido inspirado no livro autobiográfico *Black Klansman: Race, Hate, and the Undercover Investigation of a Lifetime* ele é uma inspiração e não uma cópia fiel à história, conjuntamente com todo o recorte, produção e montagem realizado pelo diretor e equipe inseridos na história do presente, lançando um olhar ao passado, contribuindo com elementos para construir nosso imaginário a respeito de uma memória.

Assim sendo, em relação à internalização das representações da nossa sociedade, se destaca o papel do cinema, especialmente o filme que fala da memória, cujo alcance e linguagem voltada para o entretenimento têm forte impacto nas identidades históricas. Assim como Pollack aponta, trata-se do trabalho de enquadramento da memória, que acaba por criar, reforçar e/ou alterar lugares de memória. E é através dessa compreensão que acredito ser possível entender um pouco mais sobre as ebulições sociais que vem acontecendo nos Estados Unidos e a relação com as diversas produções que tem levantado essa temática através da rememoração do período pós segregação racial.

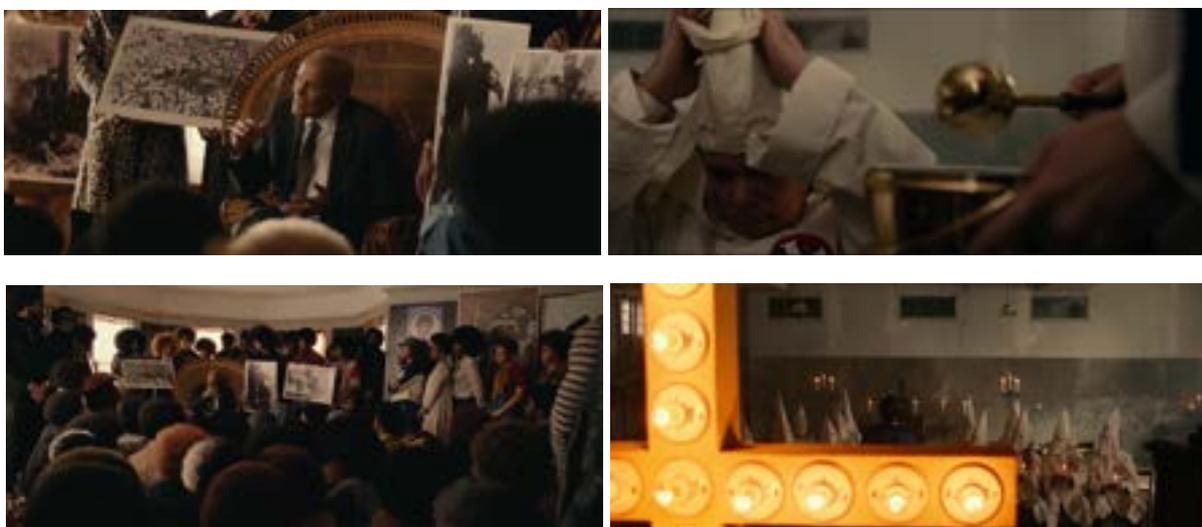
E aqui vale incorporar a análise de uma das cenas do terceiro ato que mais me fez refletir sobre as propostas do artigo. Quando Ron é designado para acompanhar David Duke, interpretado por Topher Grace, um político norte americano grão mestre da KKK a uma reunião da seita, devido ao alerta de ataques terroristas, que a própria Klan causou na cidade. A partir do momento que o protagonista se infiltra na organização, ele fica sabendo sobre a possibilidade de ataque a um protesto, no qual Patrice está envolvida. Stallworth aproveita da informação para avisar a polícia local e as manifestações são interrompidas, sendo o ataque deslocado para outro momento. Este ato se passa entre a cerimônia de iniciação do Flip, o Ron branco, na KKK e a uma reunião do movimento estudantil negro na qual eles contam com a presença de Jerome Tuner, interpretado por Harry Belafonte, um homem idoso que testemunhou o linchamento de Jesse Washington²⁶, um adolescente com deficiência intelectual que foi falsamente incriminado por estupro. Aqui Lee nos traz um caso real de 1916, para nos ambientar sobre os perigos produzidos por organizações supremacistas. Ao passo que Jerome narra o testemunho aos estudantes, as cenas da cerimônia são entrecortadas com a iniciação de Flipman, com o discurso de Duke sobre a superioridade de seus genes brancos a partir de um racismo polido e a algumas cenas do filme “O Nascimento de uma Nação” que é passado durante essa comemoração. Ou seja, nos é apresentado na prática os perigos do discurso de superioridade à medida da exaltação e o que esse discurso é capaz de proporcionar.

Jerome conta que na cidade de Waco no Texas, após o veredito de um júri completamente branco, deliberar em somente 4 minutos, como culpado seu amigo Jesse Washington de matar e estuprar Luce Freyer, uma multidão agarrou Jesse e pôs uma corrente em seu pescoço e o arrastou para fora do tribunal. Jesse foi espancado, esfaqueado, teve seus testículos e dedos extirpados e seu corpo queimado em uma fogueira diversas vezes em praça pública. Em pesquisa sobre o caso, Patricia Bernstein fala que enquanto Jesse esteve preso, supostamente disse a seus interrogadores onde ele havia escondido a arma do crime, um martelo de ferreiro que foi encontrado exatamente onde ele teria dito que estaria, no final das fileiras onde estava lavrando, escondido em arbustos. Ainda na prisão, Jesse Washington também assinou uma “confissão” que foi prontamente publicada nos três jornais de Waco. Como era analfabeto e não podia escrever nem ler a confissão, assinou-a com um X. A confissão inflamou a comunidade Waco ainda mais do que o relato original do assassinato. No entanto, no próprio julgamento quando questionado sobre como ele se declararia - culpado ou

²⁶ Ver mais em: BERNSTEIN, Patricia. *The First Waco Horror: The Lynching Of Jesse Washington And The Rise Of The NAACP*, 2005.

inocente - ele claramente não entendeu a pergunta ou o que estava acontecendo. O espetáculo de brutalidade foi todo registrado por Gildersleeve, um fotógrafo do prefeito, mais tarde as fotos viraram cartão postal da cidade. Os restos mortais de Jesse foram vendidos como souvenir. Estima-se que cerca de 15.000 pessoas assistiram a essa tortura, inclusive pessoas que vieram de fora da cidade apenas para assistir a barbarie que já estava programada antes mesmo do veredito do júri. As autoridades locais observaram tudo sem nada fazer para impedir. As imagens do ocorrido compõem hoje o acervo do Museu Nacional dos Direitos Civis, em Memphis, Tennessee.

Figura 7, 8, 9 e 10 - Cena de Infiltrados na Klan (2018).



Fonte: Captura de tela do autor.

À medida que Jerome narra o ocorrido, observamos cada novo membro da organização ser batizado em plano de camera fechado frontal, com o objetivo de traçar um paralelo entre o horror e a cara de quem o produz, além de mostrar a falsa simetria que existe quando tentamos comparar esses movimentos e o que cada um se propõem, “White Power” e “Black Power” não são dois lados, uma vez que um representa ataque à vida, outro representa defesa. Para encerrar o ritual, as mulheres dos batizados são convidadas a comemorar junto de seus maridos assistindo ao filme “O Nascimento de uma Nação”, que para Jerome é um dos motivos do acontecido a Jesse, uma vez que o filme foi lançado em 1915 e, para o personagem, foi o que inflamou a Klan da época.

O longa referenciado mais de uma vez em *Infiltrados na Klan*, trata-se de um filme dirigido por David Llewelyn Wark Griffith e inspirado no livro "The Clansman: An Historical Romance of the Ku Klux Klan", de Thomas Dixon, Jr. O que inclusive acredito ter gerado o

trocadilho no nome original do filme *Infiltrados na Klan* que é BlacKkKlansman. Não achei nada que confirmasse isso, mas como o filme faz muitas referências a uma das obras de maior exaltação a Ku Klux Klan, acredito fazer muito sentido o nome ter origem nesse livro. É inegável o impacto que este longa tem na história do cinema, uma vez que é ele que abre as portas para o estilo cinematográfico hollywoodiano que conhecemos hoje, ou seja, o gênero narrativo clássico. Além de ser o impulsionador para que o cinema fosse reconhecido como arte, uma vez que, nos seus primórdios, concorria com o teatro e era considerado entretenimento barato para as massas. É apenas a partir de Griff que o cinema norte americano começa a desenvolver técnicas narrativas mais complexas e é apenas a partir de “O Nascimento de uma Nação” que o cinema passa a receber atenção da elite, não apenas pela sua complexidade técnica, mas também pelo discurso de afirmação de uma supremacia branca e aristocrática. O foco central do filme reside nas trajetórias de duas famílias norte-americanas, uma do norte e outra do sul do país, ligadas pelo romance entre seus filhos. Os conflitos emergem durante a Guerra de Secessão, e se intensificam com término da guerra, na etapa da Reconstrução nos Estados Unidos, que acarreta angústias para os sulistas brancos, que se encontram subordinados pela presença dos recém-libertados e pelas influências dos radicais políticos do norte. Apenas com a ascensão da Ku Klux Klan é que as relações amorosas se resolvem e a nação norte-americana, previamente dividida, encontra seu caminho para a união. Segundo Aline Moço (2008), os personagens que despertam a empatia do público, isto é, os protagonistas que personificam os valores tradicionais - sendo brancos, descendentes de anglo-saxões e protestantes (WASP) - se veem confrontados por uma situação angustiante quando ocorre a emancipação dos negros. O clímax do filme ocorre com o surgimento do "império invisível", ou seja, a Ku Klux Klan, uma organização que recorre a enforcamentos, linchamentos e outras formas de coerção com o objetivo de preservar a ordem conforme existia antes da abolição. Esta organização, que teve origem durante a fase da Reconstrução, experimentou um renascimento por volta de 1915, diretamente associado ao êxito do filme "O Nascimento de uma Nação", conforme destacado por historiadores como Charles Sellers, Henry May e Neil McMillen (1985).

Figura 11, 12, 13 e 14 - Cena de *Infiltrados na Klan* (2018).



Fonte: Captura de tela do autor.

Em *Infiltrados na Klan* (2018), nos é apresentada essa íntima relação que a organização tem com o filme *The Birth of a Nation* (1915), quando é utilizada para finalizar a comemoração de batismo dos novos membros. Lee nos mostra a exaltação fervorosa do culto entrecortando as cenas com imagens do próprio filme, e nos mostrando onde culmina todo esse discurso de exaltação aos valores americanos, ao narrar a história de Jesse Washington.

A obra é finalizada nos jogando um banho de água fria e nos trazendo à realidade atual, nos mostrando que independente da luta, seja ela por dentro do sistema, através de Ron ou contra o sistema com desobediência civil, através de Patrice, tudo continua igual. Que temos uma KKK com um passado extremamente sangrento, mas que agora começa a escalonar a partir de um racismo polido, sem máscaras, sem cavalos e nem cruces, mas sim através das instituições de poder, como é a própria personificação do David Duke, o único da organização que em nenhum momento do filme utiliza máscara, mas sem deixar de destacar como que ao longo das décadas ela se consolidou. Quando o caso é dado por encerrado, pois recebem ordens de superiores para finalizar a investigação, uma vez que necessitam fazer cortes no orçamento e para os superiores, dado ao que foi encontrado “parece que não há mais ameaças verossímeis”, o Chief Bridges ainda informa que nenhuma cruz foi queimada durante as investigações. Ron é obrigado a destruir as provas da investigação, pois os mesmos superiores que puseram fim à investigação acreditam que as informações sobre o caso não devem vir a público. O protagonista fica desolado percebendo as impossibilidades de atuar contra o racismo por meio de instituições e termina por entregar a sua identidade enquanto homem negro a David Duke através de uma ligação telefônica.

A próxima cena é o momento que, para quem está acostumado com as técnicas de Spike Lee, percebemos que teremos um momento de virada, pois o diretor utiliza da técnica “Dolly Shot”, característica de seus filmes que representa um *plot twist* na história. A técnica consiste na câmera mover-se para frente e para trás, aproximando-se ou afastando-se do objeto (pessoa) em primeiro plano. E isso acontece quando, já em casa, Ron e Patrice percebem um ruído vindo do lado de fora e se deslocam, a partir da “dolly shot” no corredor do apartamento. Ao olharem pela janela, avistam um grupo de homens trajando os uniformes da Klan, queimando uma cruz. A simbologia que Lee quer transmitir é clara: a situação dos Estados Unidos permanece inalterada e que ainda são um país profundamente marcado pelo racismo.

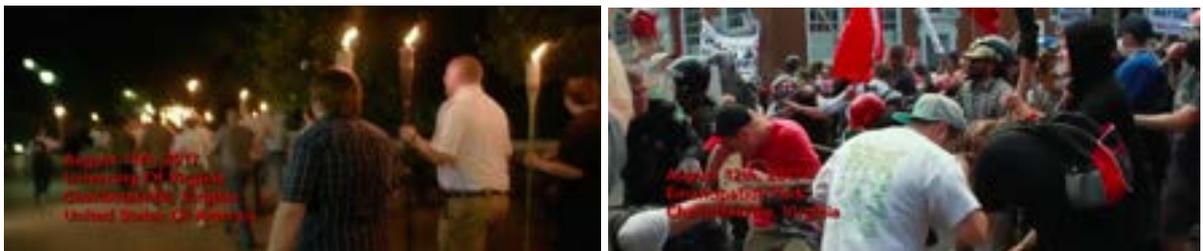
Figura 15 e 16 - Cena de Infiltrados na Klan (2018).



Fonte: Captura de tela do autor.

Na sequência, surgem as imagens de ataques de extrema violência ocorridos a poucos anos atrás em protesto do *Black Lives Matter*, como os de Charlottesville (2017). Acredito que com esse final, Spike Lee não tem como objetivo assolar a luta contra o racismo, mas sim mostrar que as coisas são como são e que ainda estamos muito longe do que foi almejado por aqueles que viveram e lutaram antes de nós.

Figura 17, 18, 19 e 20 - Cena de Infiltrados na Klan (2018).





Fonte: Captura de tela do autor.

Os protestos de 2017 começaram como uma reação dos supremacistas ao movimento de retirada das estátuas de líderes dos confederados, algo que vem sendo abordado desde 2015 com o massacre na Igreja Metodista Episcopal Emanuel²⁷, em Charleston, na Carolina do Sul. No caso de 11 de agosto de 2017, centenas de membros da ultradireita norte-americana marcharam pelas ruas de Charlottesville contra a retirada do monumento dedicado a Robert E. Lee (1807-1870), um oficial militar que lutou em favor dos Estados Confederados e a escravidão. Reconhecido por esse grupo como um símbolo de resistência do poder branco sulista. A marcha chamava-se *Unite the Right* ou Unir a Direita, entre os manifestantes tínhamos nacionalistas, supremacistas brancos, neonazistas neo-confederados e milícias. Carregavam a bandeira dos confederados, suástica, tochas e bandeiras antissemitas, marchando sob o slogan de "Você não nos substituirá", "Sangue e solo", "Vidas brancas importam", "Judeus não roubarão nosso lugar" e gritos de apoio a Donald Trump. Na obra, Lee escolhe a fala de Donald Trump, presente em uma entrevista dada na época do caso, para retratar brevemente o pensamento de quem estava presidindo os Estados Unidos. "Havia um grupo de um lado que era mau e um grupo do outro lado que também era bem violento. Nem todos eram neonazistas, acreditem. Nem todos eram supremacistas brancos. Também havia pessoas que eram muito boas". Para contemplar parte do pensamento da ultradireita, também temos um discurso de David Duke, feito um dia após a primeira manifestação em prol de Jackson Lee, no qual ele afirma "Acredito que Charlottesville é o primeiro passo para percebermos algo que Trump alertou no início da campanha, é o primeiro passo para recuperarmos a América". Fala muito semelhante encontramos no filme com várias referências ao que significaria para esse grupo "recuperar" a América.

O primeiro fato a ser trabalhado no roteiro foi a proposta a partir do livro de um homem negro se infiltrando na Ku Klux Klan, como mencionei na minha justificativa, Spike Lee é reconhecido por escolher um fato para narrar e nos mostra quase como em uma crônica

²⁷ 9 pessoas foram mortas por um supremacista branco em uma das mais antigas instituições ligadas aos direitos civis na cidade, dentre elas o pastor da igreja e o senador Clementa C. Pinckney.

como chegamos até lá. Em *Infiltrados na Klan* não foi diferente, o diretor escolheu a década de 1970 para trabalhar no longa e nos apresentar o que ele considera ser relevante para a explicação, ou seja, desde de 1861 com *E o Vento Levou* para chegarmos na verdade aos dias de hoje em plenos anos 2000, isto é, culminar com os protestos de 2017 em Charlottesville, pois de acordo com Ávila (2017), o evento na Virgínia não se limita à reação contra as "políticas identitárias" adotadas nas últimas décadas ou ao empoderamento resultante da eleição de Donald Trump em 2016. Embora esses fatores possam contribuir para tal expressão, eles representam principalmente a manifestação de um contexto histórico no qual as vidas de pessoas brancas foram valorizadas em detrimento da vida de pessoas negras. "White lives matter", enfatiza a importância das vidas brancas desvalorizando as vidas negras, sendo a racialização um processo profundamente enraizado na história dos Estados Unidos. Uma vez que, a segregação foi um ponto central para que os afro-americanos fossem considerados cidadãos *underclass* e que isso fosse perpetuado até então.

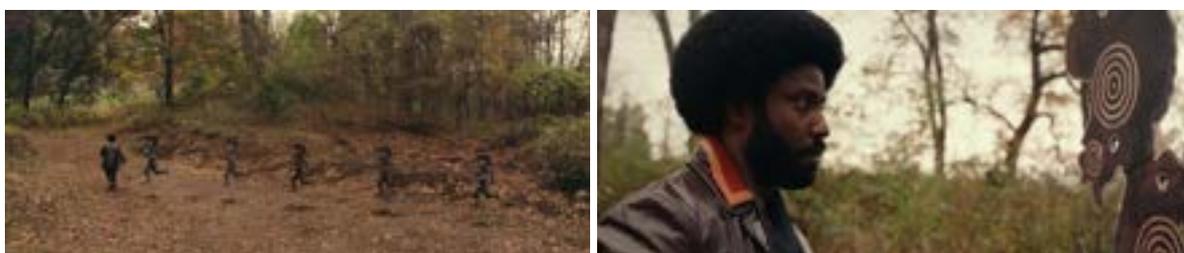
Considerações Finais

Segundo K. Austin Collins, crítico de cinema da Vanity Fair, o filme pode ser apontado como o primeiro a ser uma reação à era Trump. O longa se dedica a falar de um período no qual a Klan já não era mais tão ativa e nem aceita dentro dos moldes de quando foi criada, apesar de nunca ter sido aceita amplamente pela população, mas também nunca encontrou resistência para não existir. Na obra, a organização nos é apresentada como uma milícia combativa ao "fim da cultura e dos valores" da população branca dos Estados Unidos, como atuante de um racismo reverso e que não se dedica mais a ser o "império invisível" da nação, mas sim a constituir o poder de dentro das instituições. O diretor propõe apresentar os perigos de se deixar criar uma organização segregacionista, mostrando por exemplo a atuação de David Duke, na representação e na vida real e como esse discurso está intimamente ligado ao mesmo discurso que Donald Trump, o então presidente à época da produção do longa foi eleito.

Deslocando a linearidade do filme, há uma cena que merece ser analisada como uma memória do período da segregação, uma vez que assim que assisti ao longa, sem informações de fora, as figuras apresentadas me remeteram às animações de representação de pessoas negras do período Jim Crow. O trecho do filme ao qual me refiro é o episódio de tiro ao alvo, na casa de Felix Kendrickson, um dos membros mais radicais da KKK. Em um campo aberto próximo à casa de Felix, Ron encontra os alvos onde a Klan treinava tiro e percebe que

pretendem imitar homens negros. Segundo o site Screen Rant,²⁸ John David Washington revelou que, um pouco antes de filmar a cena, Spike Lee teria lhe contado que os alvos de metal não foram adereços criados para o filme, mas sim comprados na internet. Ou seja, temos que ter em mente que atualmente existem centenas de grupos de supremacismo branco nos Estados Unidos. Segundo SILVA (2021) no ano de 2019, a Southern Poverty Law Center (SPLC), fez um levantamento no qual havia identificado 940 grupos de ódio em atividade nos Estados Unidos com tais organizações existindo em vários tipos indo desde o movimento White Power, neonazistas, neofascistas, neo-confederados, Ku Klux Klan entre outros.

Figura 21 e 22 - Cena de Infiltrados na Klan (2018).



Fonte: Captura de tela do autor.

Ou seja, *Infiltrados na Klan* fala do passado e contribui para formação de uma memória sobre a segregação racial, mas principalmente fala sobre o agora. A obra colabora para que essas violências que continuam a ocorrer nos dias de hoje não sejam tidas como episódios esporádicos ou fatalidades, mas vistas como uma perpetuação da cultura de ódio contra a população negra. Que tem origem na história do passado dos Estados Unidos, mas que até hoje encontra meios para continuar existindo e sendo reformulada sempre que colocada em questionamento. O negacionismo histórico desses fatos, dessa luta, dessa violência cometida por décadas é um projeto político tal qual o projeto acerca da “educação patriótica” (*1776 Report*) criado durante o mandato de Trump. E o filme contribui para a reformulação de uma memória nacional voltada para o presente, tal qual o *1619 Project* que visa reescrever a história da democracia norte-americana pautada a partir da perspectiva da escravidão, uma vez que não existe uma história dos Estados Unidos, que explique o sistema carcerário, a desigualdade socioeconômica racial e a organização das cidades sem falar de escravidão e todos os seus desdobramentos ao longo dos séculos.

²⁸ Screen Rant é um site eletrônico de notícias de entretenimento que foi lançado em 2003.

Referências

AVILA, Arthur Lima de. Guerras de história nos Estados Unidos da Era Trump (Artigo). In: Café História. Publicado em 02 mai de 2022. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/guerras-de-historia-nos-eua-da-era-trump/>. ISSN: 2674-5917. Acesso: 29 Ago 2023.

_____. Os tempos de Charlottesville: uma história norte-americana (Artigo). In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/os-tempos-de-charlottesville/>. Publicado em: 28 Ago. 2017. Acesso: 20 Ago 2023.

_____. O que foi a Guerra Civil Norte-americana (1861-1865)? (Artigo). In: **Café História**. Publicado em 03 nov de 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-que-foi-a-guerra-civil-dos-eua/>. ISSN: 2674-59. Acesso: 03 Ago 2023.

_____. O 1619 Project: um passado prático para os Estados Unidos contemporâneos (Artigo). In: História da Ditadura. Publicado em 12 jul de 2021. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/post/o1619projectumpassadopratycoparaosestadosunidoscontemporaneos>. Acesso: 29 Ago 2023.

ALVES, Douglas Moreira. **História, cinema e memória**. In: Congresso Internacional de História. 8., 2017. Maringá. Anais eletrônicos. [...]. Maringá, 2014. p. 2343 - 2351. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3922.pdf>. Acesso: 09 jun. 2022.

BARROS, José D'Assunção. **Cinema e História: entre expressões e representações**. In: NÓVOA, Jorge; BARROS, José D'Assunção. Cinema-História: teoria e representações sócias no cinema. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

_____. **Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história**. Disponível em: <http://lerhistoria.revues.org/2547>. Acesso em: 24 nov 2021.

DÁVILA, Jerry. **Raça, memória e educação na formação nacional dos Estados Unidos (XIX - XXI)**. Revista História da Educação, Rio Grande do Sul, v.25, e106499, p. 1-36, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/106499>. Acesso em: 09 jul. 2022.

DUBOIS, WEB. **Black Reconstruction in America**. Quinn & Boden Company. New York, 1935. p. 700-701.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Cinema-Memória: Reflexões sobre a memória coletiva e o saber histórico**. O Olho da História, n.11, dezembro, 2008.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, tradução: Láis Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 2004;

INFILTRADOS NA KLAN. 43ª Mostra Internacional de Cinema, 2019. Disponível em: <<http://42.mostra.org/br/filme/9564-INFILTRADO-NA-KLAN>>. Acesso em: 12, jul, 2022.

IZECKSOHN, Vitor. Os Monumentos Confederados nos Estados Unidos: memória e política (Artigo). In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/monumentos-confederados/>. Publicado em: 11 Set 2017. Acesso: 20 ago 2023.

MACHADO, Taís de Sant'Anna. **Etnografia do filme Corra! (2017): um debate sobre a negrofilia e relações raciais nos Estados Unidos**. Revista Ambivalências: Dossiê “Cinema & Contemporaneidade: políticas e poéticas audiovisuais”, Sergipe, v.7, n. 13, p. 74 – 108, jan/jun. 2019.

MATTOS, A. M. A.; COURA, M. A. **História, Memória e Pós-memória: presente, passado e futuro na formação crítica de professores de inglês**. In: CAETANO, E. A. (Org.). Pós-memória e decolonialidade no ensino de línguas no Brasil: as origens do status quo. São Carlos: Pedro & João, 2021b. p. 179-221.

MOÇO, Aline Campos Paiva. **O Ideal de Nação de Griffith no Filme “O Nascimento de uma Nação”**.

MONAGREDA, Johana Katiuska. **A raça na construção de uma identidade política: alguns conceitos preliminares**. Revista Mediações - Londrina, v.21, n.2, p. 366-393, jul/dez. 2017.

MORRIS, Aldon; TREITLER, Vilna Bashi. **O estado racial da união: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América**. Caderno CRH, Salvador, v.32, n.85, p.15-31, JAN./ABR. 2019.

NERIS, Natália. O que o Black Lives Matter diz ao mundo e ao Brasil. Outras Palavras, 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/movimentoserebeldias/o-que-o-black-lives-matter-diz-ao-mundo-e-a-o-brasil/> >. Acesso em: 02, set, 2022.

POLLAK, Michael. “**Memória e identidade social**”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

QUINSANI, Rafael Hansen. **A revolução em película: uma reflexão sobre a relação cinema-história e a Guerra Civil Espanhola**. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 239. 2010.

ROCHA, E. da S.; LEVY, S. D. **“This Is America”**: a era Jim Crow e os lugares de memória da Guerra de Secessão na arte visual de Hiro Murai. *Visualidades*, Goiânia, v. 19, 2022. DOI: 10.5216/v.v19.59346. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/59346>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

SILVA, Diego L. Santana. **O Supremacismo Branco Sob a Ótica do Cinema: Uma análise comparada dos filmes Imperium e Infiltrado na Klan**. *Boletim do Tempo Presente*, Pernambuco, vol. 10, n. 01. Jan. 2021. p. 01-12.

SEGURA, Liliana. **FORREST THE BUTCHER. Memphis Wants to Remove a Statue Honoring First Grand Wizard of the KKK**. In: *The Intercept*. Disponível em: <https://theintercept.com/2017/09/02/memphis-wants-to-remove-statue-honoring-kkk-grand-wizard-nathan-bedford-forrest/>. Publicado em: 02 Set. 2017. Acesso em: 29 Jul. 2023.

SELIGMANN - SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Projeto História*, São Paulo, v. 30, p. 71-98, jun. 2005.

_____. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 01, p.65 – 82, 2008.

ZECKSOHN, Vitor. Os Monumentos Confederados nos Estados Unidos: memória e política (Artigo). In: *Café História*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/monumentos-confederados/>. Publicado em: 11 Set 2017.

Filmografia

INFILTRADO NA KLAN. DIREÇÃO: SPIKE LEE. ESTADOS UNIDOS: UNIVERSAL STUDIOS, 2018. 136 min.